20-10-2021

AS MÃOS TREMULAM

(RESPOSTA AO EGUIMAR*)

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Querido amigo, depois de um certo tempo, sinto-me à vontade para comentar seu texto sobre o quadrado.

A sua delicadeza poética é uma vigorosa inversão às formas estruturais que constituíram a arquitetura concreta da universidade. Você é um florista da ciência, gosta da beleza florida que é a vida. Sua luta contra os quadrados burocratas tem traçado desarmônico do risco livre. Rabisca-se o mundo com versos de Gentileza.

Ventados, eles amorosamente corroem, enferrujam os cristais hegemônicos burocratas. Na universidade, ouvimos muitas palavras portentosas e grandes narrativas que abraçam o mundo. Poucas vezes ouvimos palavras desconfiadas, miúdas ou tímidas.

O amor pouco aparece nessas grandes expedições.

Este tornou-se assunto démodé da revolução, sendo um empecilho às ideias planejadoras. A ciência, desde o seu primeiro choro, roubou o lugar dos poetas e começou a nomear as coisas. Abstraiu a compreensão, prendeu-a nas grades das teorias essencialistas.

Os poetas, que rolavam versos livres, também foram capturados por uma geometrização estética.

Parnasianos e arcadistas foram engenheiros da *mimesis*, a arte copiava com régua e compasso.

O futurismo italiano prendeu a poesia em campos de concentração, escalpelou o ser do poético.

Tudo era tão harmônico, claro, exceto o mundo copiado.

A poesia é o passear livre do ser poético. O verso é uma confecção do espírito da dúvida, os sentidos das palavras rolam por imagens, que se deformam em outras e multiplicam-se ao infinito. Somente a poesia pinta o invisível e esvanece a solidez sóbria do concreto.

A palavra encena o mundo, quando o encena teatraliza-se no palco da vida. Os declamadores clamam por mãos e voz. As mãos tão silenciosas na escrita, quando usadas na fala movem-se com alegria, euforia e dor.

Os bons oradores são ágeis apanhadores de palavras, pegam-nas e jogam para a plateia. Mas as palavras doloridas encrustadas precisam das mãos singelas para serem retiradas da alma e entregues ao mundo-outro.

Entregar a dor calcificada é caminho de voz embargada e mão trêmula. .....

Eguimar, os burocratas escondem suas dores no labor da escrita? Que tipo de sensação que os burocratas têm após um concluído? Eles contemplam cada palavra ente, ajeitam-nas como se estivessem arrumando os forros da mobília? Os escritores de alma depuram o texto, enlouquecem com as palavras que saem das suas entranhas, quando o texto se conclui, perguntam-se como aquelas imagens vieram até suas mãos.

Não sabem, as palavras são imagens viajantes.

Poetas engavetam algumas estrofes por anos, elas precisam ser maturadas, há um certo medo da força do verso cambaleante. Parece que o fordismo consolidou as suas bases na alma textual acadêmica.

A forma não chora, sorri ou sente. Os textos acadêmicos, muitas vezes, são pré-fabricados, constituem-se em encaixes de metodologia, problemática e solução.

Os artigos científicos, que se justificam em formatação justificada, desertificam-se semanticamente.

As palavras colocadas harmonicamente organizadas, seguidoras de regras e desejam um bom *qualis*.

Essa escrita finalista morre em si, não transborda, pouco afeta os leitores. Estes que a consomem como um produto e não como um ser. São produtivistas, escolhem o lattes como a rede social de convivência e dizem: " face do acadêmico é lattes". Não posso acreditar que ciência se tornou um mero reflexo narcísico e infantil de uma juventude acadêmica extremamente egocêntrica.

A escrita e o próprio ethos acadêmico tornaram o lugar profícuo do especialista. O burocrata veste o terno da especialidade, adoro o figurino do estrategismo.

São fortes articuladores por bolsas de pesquisa, fazem conluios em seus laboratórios, articulam para obterem prestígio da palavra. Não se engane, eles falam bonito, citam livros como pastores citam os milagres de Cristo.

São revolucionários do discurso, mas o texto é puro conservadorismo. Texto é a nossa maior verdade, estamos diante de cada frase, nus. Os burocratas, que são positivistas, marxistas, fenomenólogos e culturistas, não há um figurino específico, constituíram seus corpos epistemológicos em *modus operandi* específico de fazer ciência. Querido amigo, os quadrados e caixas querem prender a poesia, mas ela é etérea, não se curva, vaga.

Você é um entregador de flores, sua bolsa tem flores multicoloridas. Elas são entregues em palavras. Quando tu vires um burocrata emudecer diante da beleza de uma flor, sinta-se a sabor da vitória. Você o afetou. Do sertão emano, para você, flores de abóbora, maracujá e ipê.

▪▪▪

*Alusão ao texto de Eguimar Felício Chaveiro *A implacável fragilidade do quadrado*, publicado na Coluna Opinião em 14/09/2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.